O MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA *(MST)*

O *Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)* foi oficialmente fundado por ocasião do *V' Encontro dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, em* 1984, em Cascavel-PR No ano seguinte realizou-se em Curitiba o *10 Congresso Nacional dos Sem-Terra.* Foi esta a sua mensagem: "Ocupação é a única solução!" Desde então o *Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra* está presente em 23 Estados da Federação, abrangendo mais de 1,5 milhão de pessoas come 300.000 famílias, que vivem em *assentamentos,* mais 80.000 que ainda sobrevivem em condições muito precárias, em *acampamentos* provisórios, debaixo de lonas de plástico. A marcha de protesto dos 100.000, em prol de "Trabalho, Justiça e Reforma Agrária", em gigantesco comício em Brasília, no dia 19.4.1997, constitui um dos acontecimentos mais marcantes da história brasileira contemporânea. Os sem-terra haviam aprendido a lição da sabedoria popular:, *Quem não chora, não mama,* aplicando o provérbio à prática política. Os camponeses chegaram à conclusão que esperando pacientemente não chegariam a lugar nenhum. Por isso, desde então, atuam conforme o lema: "Só quando se ocupa terras e lá se instala acampamentos, só quando se organiza ocupações em repartições públicas ou escritórios de filiais de agroempresas multinacionais, ou só quando, eventualmente, se devasta até plantações transgênicas, ou quando se organiza passeatas de protesto e greves de fome ou métodos de luta semelhantes, só então se poderia chegar a resultados favoráveis para os miseráveis".

Em 1996 mais de 30.000 lavradores acampavam em barracas de lona às margens da BR-386, no município de Sarandi - RS. Reivindicavam ao governo do Estado créditos de emergência, pois uma estiagem havia dizimado suas lavouras de soja, fato que levara os agricultores à beira da falência. A concentração dos colonos no acampamento na BR-386 não surgiu por acaso.

Há um bom tempo o frei Sérgio Gõrgen e sindicalistas vinham percorrendo colônias, organizando famílias de pequenos agricultores. O resultado desta ação foi a bem-sucedida mobilização na beira da estrada. Pela organização e eficiência apresentada, o *Movimento dos Pequenos Agricultores - MPA* - é uma entidade que se alastra pelo Brasil seguindo as pegadas do MST.

Cabem aqui algumas palavras sobre o frei da O. M. de São Francisco de Assis, Sérgio Antônio Gõrgen, cuja atuação está estreitamente ligada ao destino dos pequenos agricultores e trabalhadores rurais e a suas lutas por dignas condições de vida. Sempre que colonos sem-terra e soldados da Brigada Militar estiveram na iminência de confronto, um frade surgia entre os dois grupos. Com sua batina surrada, calçando chinelos de dedo, o frei Sérgio Antônio Gorgen emergia com os braços erguidos, iniciando as negociações para evitar o confronto. Depois, pela primeira vez, o enérgico franciscano, de 43 anos, estava do outro lado: como diretor do *Departamento de Desenvolvimento Rural e Reforma Agrária da Secretaria da Agricultura,* tornou-se sua a responsabilidade de concretizar o que reivindicava há anos: instalar a paz e o crescimento econômico no campo.

A experiência como hábil negociador do religioso no campo da agricultura ou do mundo rural começou, como dito, em 1979, quando se tornou membro ativo da *CPT* e quando ocorreram as primeiras ocupações de fazendas no RS. O objetivo específico de tais ações foi acelerar a luta pela tão atrasada democratização do solo no Brasil. Ocuparam latifúndios em Ronda Alta. A empreitada foi o embrião do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), no qual Gõrgen conheceu João Pedro Stédile, hoje o principal nome do *MST* no Brasil. Nos anos 80 o frade organizou núcleos de colonos, de onde surgiram lideres como Adão Pretto (deputado federal pelo VI) e Antônio Marangon (ex-deputado estadual pelo PT e prefeito de Palmeira das Missões). Nas dezenas de invasões de terra' desde a década de 80 o franciscano sempre participava das ocupações, fosse para levar palavras de fé aos acampados ou para orientá-los sobre como se comportar diante de um. cerco da Brigada Militar. "Muitas vezes agiu de forma radical. Mas é um ideólogo, um estrategista, que acredita nas

invasões como instrumento de pressão", avalia o então secretário de Agricultura, Marcos Palombini. "Tenho duas ferramentas de luta: a lei dos homens, que é o *Estatuto da Terra,* que garante terra a todos, e a *Lei de Deus.* A Bíblia não passa escritura de terra para ninguém," diz o religioso. A partir de 1992 frei Sérgio implantou o ensino nos assentamentos. Cinco anos depois, com um grupo de sindicalistas e lideranças de sem-terra, criou o Movimentos dos Pequenos Agricultores (MPA), entidade que adota a estratégia e a organização do *MST.* Sem se separar da Bíblia, o frei tem sempre por perto a agenda, o celular e a calculadora, usada muitas vezes para estabelecer melhores preços para os pequenos produtores. "Precisamos de organização. Usaremos o princípio da subsidiariedade, que se aplica na Ordem dos Frades Menores. Primeiro, fazemos o que está ao nosso alcance. No caso da agricultura, o que está ao alcance de cada comunidade, compara, salientando que sua grande meta é instalar 10.000 famílias no campo, vai ser difícil, apenas isso. Vamos conse-gui?', declara (conforma Juan Domingues).

Ao começar a redemocratização no Brasil, nos anos 80, formaram-se vários movimentos sociais. Enquanto os operários no triângulo industrial de São Paulo organizavam greves para conseguir salários melhores e condições de trabalho mais humano, os agricultores do Rio Grande do Sul e do Paraná formaram o *Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).* Considera-se o dia 21 de janeiro de 1984 a data oficial da fundação. Foi o momento em que os coloflos, que tinham ~cupado terras da *Fazenda Encruzilhada Natalino,* em Ronda Alta-RS, e o movimento dos agricultores de Paraná-Oeste *(Mestro)* chegaram a se juntar, formando assim o movimento dos sem-terra, cujo objetivo era a reforma agrária. Este novo movimento, deste o começo, contou com o apoio da esquerda nacional e da Igreja Católica (CPT).

A *«Mensagem Fraterna",* por D. Hélder Câmara, dirigida à *Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE),* ao receber desta, em 21 de setembro de 1984, um Doutorado de Honra, reflete muito bem este apoio da igreja: sob o tema Missão especial confiada à Universidade Federal Rural de Pernambuco, o arcebispo referiu-se à conhecida e querida *Conferência Nacional dos Bispos do Bràsil (CNBB),* que clama

por umá autêntica reforma agrária em todo o país ou, ao menos, prioritariamente numa região como o Nordeste, com os seus nove Estados. Deveria ser realizada com rapidez, segurança e firmeza, sem ódios, sem violências, mas também sem sombra de covardia (UFRPE, 1984, p. 33ss).

Dez afirmações proferidas pelo orador alicerçaram esta reivindicação da *CNBB:*

Primeiro, D. Hélder mencionou a questão da propriedade no setor da agricultura: No Nordeste, 76% dos proprietários possuem apenas 19% das terras nordestinas; no Brasil inteiro 71% dos proprietários possuem apenas 12% das terras do país; 24% possuem 78% do Brasil. 42 milhões de terras aproveitáveis estão inexploradas e 240 milhões, mal utilizados. As multinacionais já se apropriaram de mais de 35 milhões de hectares de terras do Brasil. O número de pessoas que migraram para outros Estados, entre 1970 e 1980, cresceu para 24 milhões. Conta-se aproximadamente 11 milhões de desempregados nas ddades e 12 milhões de camponeses semterra. 8 milhões e 700 mil assalariados rurais recebem menos de um salário mínimo. A produção de alimentos por habitante vem caindo nos últimos 20 anos, em razão do apoio governamental à grande propriedade. 269 mil familias de pequenos produtores enfrentaram conflitos pela posse de terra entre -1979 e 1983. No mesmo espaço de tempo, foram assassinados camponeses, posseiros, bóias-frias, garimpeiros, dirigentes sindicais rurais e advogados, na luta pela posse da terra e na defesa dos direitos dos trabalhadores. Somente nos 3 primeiros meses de 1984, 17 pessoas, número superior ao dos anos de 1980, 1981 e 1982. Em 480 anos os indígenas no Brasil foram reduzidos de 5 milhões para 220 mil, e apenas um terço de seu território está oficialmente demarcado... Este panorama social e econômico evidencia a necessidade de uma reforma agrária.

D. Hélder, então, questionou: para que a reforma agrária?

A reforma agrária visa à distribuição, entre 12 milhões de trabalhadores rurais sem terra ou com minúsculas parcelas de terra, dos 280 milhões de hectares de terra não-explorada nos latifúndios. Reforma agrária multiplica a área de lavouras

LULA

aumentando a produção de alimentos, como também amplia o mercado interno, por meio da redistribuição da propriedade e da renda agrária. Uma reforma agrária eliminará a especulação, possibilitando preços justos para pequenos produtores e alimentos mais baratos para a população. Uma reforma agrária também cria novas oportunidades de vida e de trabalho para os desempregados e subempregados nas cidades e reestimula as atividades econômicas, que oferecem mais emprego e se voltam para o bem-estar da população. A reforma agrária pode quebrar o monopólio das multinacionais na produção e comercialização agroindustrial e pode recuperar as terras em suas mãos, acabando com a especulação. E, com uma reforma agrária, elimina-se as causas da violência contra os trabalhadores rurais e contra os povos indígenas. A reforma agrária é necessária para a efetivação da democracia no país, democratizando o acesso à produtividade da terra.

O palestrante referiu-se também ao costume brasileiro de falar muito sobre a reforma agrária, inclusive à opinião de que esta já estaria sendo realizada. Diante deste engano, D. Hélder tentou identificar o que não devia ser chamado de reforma agrária, mesmo que oficialmente se chame assim: a compra de terras; a regularização fundiária; a titulação de terras e a regularizsação fundiana; a titulação de terras e a reformulação fundiaria. „Que nos perdoe o Instituto Nacional de *Colonização* torna mais suave a sua sigla Incra, mas seria melhor não misturar Colonização e Reforma Agrária." Reforma agrária é um *processo amplo,* que abrange uma democratização verdadeira do solo, uma re-distribuição.

Foi esta a mensagem, que ele transmitiu ao corpo docente e discente da Universidade Rural. "Bem sei", disse ele, "que vos convido para uma empreitada dificílima. Tocar no direito de propriedade é atingir um direito que, para muitos, é considerado intocável, sagrado... Mas devia-se reconhecer com toda clareza a realidade: estamos *abusando da paciência do povo..."*

Foi uma palestra corajosa, mas D. Hélder não hesitou em declarar: "Quando dou comida aos pobres, me chamam de santo; se pergunto porque os pobres passam fome, me chamam de comunista"

Deve-se constatar que a Igreja Católica nem sempre havia se engajado nas longas disputas acerca da democratização da terra. Houve épocas em que a posição da Igreja quanto aos movimentos camponeses era até agressiva; só mais tarde a Igreja mostrou-se mais sensível a esta questão. Desde o Vaticano II, a Igreja desenvolveu mais compreensão para a situação do proletariado. D. Hélder Câmara, na sua palestra proferida em 21.9.1984, por ocasião da promoção a Doutor Honoris Causa, na aula magna na UFRPE, destacou o Santo Padre João XXIII *("o nosso querido João de Deus')* que dissera: "Quando um Homem trabalha uma terra, durante anos, acaba criando raízes nela ... Arrancá-lo dali e jogá-lo para as surpresas da cidade é um pecado contra Deus e contra a criatura humana" (UFRPE, 1984, p. 39).

Jaime Amorim, coordenador regional do MST em Pernambuco, sublinha que o Movimento dos Sem Terra deve muito aos bispos pernambucanos, "porque rezaram missas nos assentamentos". Apesar de numerosos conflitos, que periodicamente causaram até feridos e mortos, os camponeses e trabalhadores sem-terra se sucederam, apoiados especialmente pela Igreja, fazendo pressão sobre o governo a fim de conseguirem melhoramentos da infra-estrutura nos assentamentos, melhor acesso de seus produtos ao mercado e uma constante aceleração na realização da reforma agrária.

"Se, porém, o governo, em '1998, não consegue assentai no Estado de Pernambuco mais de 944 famílias, o que seria apenas um terço daquilo que no início do ano foi planejado, então o ano de 1999 promete tornar-se ainda mais difícil", advertia então o bem conhecido líder Jaime Amorim.

A ALEMANHA NAZISTA E A IGREJA

PARA A GENTE SE ENTROSAR

Possuo um panfleto impresso na década de 30 do século XX, tempo de minha infância; publicação de uma facção chauvinista da Igreja Protestante, tratando do relatório sobre a Conferência Ecumênica em Estocolmo, de 1927:

"É com grande orgulho que certos líderes eclesiásticos contam aos membros de suas comunidades como, na ocasião da Conferência, sentiram-se muito felizes porque ficaram sentados junto a uma delegação chinesa ou ao lado de um negro." Em seguida o autor continua: "Tais líderes eclesiásticos não percebem que nós ficamos horrorizados ao sermos informados de que em Estocolmo justamente a um negro foi permitido falar do púlpito do qual na nossa gloriosa história o grande Schleiermacher se dirigia ao auditório."

Num formulário de aplicação para tornar-se membro da *Associação para uma Igreja de CaráterAlemã* o solicitante foi obrigado a declarar: "Juro que sou livre de sangue judaico como também de sangue misturado com gente de cor, e darei importância absoluta a todos os itens que se referem à cultura alemã, e sempre darei maior prioridade a estes itens do que a assuntos ligados com a Igreja."

Trabalho apresentado nas instituições. Seminário Batista (18.8.03) e Seminário Metodista, Rio de Janeiro (19.8.03).

O Partido Nazista declarou como seu objetivo principal a cruzada contra o boichevismo, defefldendo - sem vínculo com uma determinada Igreja - um assim chamado *"cristianismo positivo"* (Os 25 itens do Programa do NSDAP, § 24). Nisso a maioria do povo, inclusive os-protestantes com seus pastores, os suportaram.

O "Movimento Cristãos Alemães" (Kirchenbewegung Deutsche Christen) exigiu: A cruz deve ser substituída pelo símbolo nosso, a suástica!

Disseram: "Na pessoa do Führer (líder) reconhecemos o Enviado por Deus (Messias), que põe a Alemanha perante o Senhor da História, e chama-nos do culto dos fariseus e levitas ao sagrado serviço do samaritano" *(Leffler* cf. Hans Buchheim, Glaubenskrise im Dritten Reich, 1953, p. 51).

E ainda: "Esperamos que a nossa Igreja como Igreja do Povo se liber-te de tudo que não seja de caráter alemão no culto e no credo, antes de tudo do Antigo Testamento e sua moral recompensadora (Lohnmoral)."

Era assim que se pensava em grande parte da Igreja Protestante durante a minha infância.

A ALEMANHA NAZISTA

O nazismo formou-se nos anos de pós-guerra (1919 - 1933), e tem uma pré-história:

a) o Tratado de Paz (Friedensvertrag) de Versalhes...

Muito ao contrário do trato aplicado ao povo alemão nas zonas ocupadas pelos americanos, ingleses e franceses, em que logo depois da derrota do Terceiro Reich um plano de apoio econômico, o Plano Marshall, contribuiu para estabilizar a economia e com isso também a jovem democracia, depois da 1a Guerra Mundial o "Tratado de Paz" de Versalhes evitou a recuperação econômica do país e prejudicou também a evolução de um clima democrático na Alemanha. Houve, inclusive, a crise econômica mundial, uma inflação louca e uma fase de desemprego para se desesperar.

b) a falta de experiência democrática

As igrejas protestantes naquela época eram tanto "da direita' como hoje são "da esquerda". Uma das razões do sucesso do nazismo foi a recusa da República pelas igrejas, pela indústria, pela classe média, que em última análise seguiram uma orientação monarquista (Sebastian Haffner, Von Bismarck zu Hitler, 1987, p. 208). E a juventude de orientação neoconservadora, sonhava com o "Terceiro Reino" - Drittes Reich" - de um Império Alemão ressuscitado.

A República de Weimar (1919-1933) foi uma democracia não desejada, "uma democracia sem democratas".

Permitem-me relembrar um aspecto da minha própria infância e juventude:

A creche, o jardim, a igreja, a escola, tudo isso na minha infância e juventude serviu como veículo da ideologia nazista. Fomos maltratados até o limite de nossa capacidade de

absorver tudo isso, com coisas germânicas, obediência prussiano-militar, cujo valor máximo era a honra, a fidelidade, a obediência, a luta e a vitória. Nas aulas de Alemão, de História e de Geografia encheram-nos com a ideologia que emerge do slogan "um povo, um reino, um líder" e nos ensinaram devotamento à pátria, disposição para sacrificar-nos, camaradagem, solidariedade para com o nosso povo germânico, fidelidade ao credo da excelência de sangue e terra da pátria ("Blut und Boden"), e tudo com o mesmo fanatismo como o conhecemos hoje em dia do exemplo dos mullahs e aiatolás do mundo oriental. Escola, igreja, casa e "Hitlerjugend" (algo equivalente aos "Jovens Pioneiros" dos Stalinistas) exageraram para criar entre nós a mentalidade guerreira, a técnica da luta para os futuros defensores da pátria amada. Tampouco faltaram os jornais, livros e cadernos que nos deram exemplos impressionantes do ódio contra todos os nossos inimigos, antes de tudo os judeus.

A gente se criou com canções marciais nos lábios:

Blutig rot sind unsre Fahnen

Nossas bandeiras, vermelhas como o sangue
nos abrem o caminho que leva a liberdade.
As brigadas da Juventude de Hitler
derrotam as barricadas soviéticas.
Camarada, aperta minha mão,
nossa escravidão chegou ao fim.
Judeus choramingam,
cabeças rolam ao chão,
a Juventude de Hitler avança,
marxistas na parede!
Assim, os socialistas nacionais
lutam pela pátria.

Der Gott, der Eísen wachsen líess:

O Deus que fez crescer o ferro
não desejou possuir escravos.
Por isso ele colocou sabre, espada e lança
na mão direita do homem.

Por isso nos deu a coragem feroz
e a raiva da livre palavra,
a fim de que na batalha resistissemos
sacrificando nosso sangue, até a morte.

Morgenrot, Morgenrot

Aurora, aurora,
dá seu brilho até a morte iminente.
Logo vai soprar a trompete,
então vou ter que sacrificar minha vida,
eu e alguns dos camaradas.

Ficamos acostumados à morte pela pátria muito cedo já!

Quando, em julho de 1944, faltavam apenas nove meses até a derrota da Alemanha nazista pelos aliados, fui confirmado na igreja luterana, recebia uma certidão de confirmação ilustrada com um quadro de Arthur Kampf, com o título: Bênção dos Voluntários da Pátria. Nós, rapazes de 14 anos, a última reserva para a defesa da pátria, recebemos a bênção da Igreja para vencer ou morrer!

Devia completar o quadro sociopsicológico da realidade alemã nos anos de Hitler por mais um aspecto:
Parece-me que - entre outros fatores históricos e psicológicos que marcaram o comportamento do povo alemão - havia, antes de tudo, dois fatores determinantes que mais pesaram na constelação política, social e econômica após a 1a Guerra Mundial: a experiência imperial e a doutrina da superioridade da raça germânica:

- A raça germânica, em primeiro lugar o povo alemão, é superior às demais raças; por isso a Alemanha deve assumir a liderança entre todas as nações do mundo.

- A pior raça e o maior inimigo do povo alemão é o povo judeu.

- Todos os membros do povo alemão - não importa onde estejam - devem viver no país da Grã-Alemanha ("Grossdeutsches Reich") e exercer a hegemonia sobre o resto da humanidade.

A propaganda racista e antisemitica num jornal nazista no começo da guerra contra a França

Certidão de confirmação (1945) ilustrada por um quadro de Arthur Kampf com o título: Benção dos Voluntários da Patria

- Para conseguir isso, deve-se substituir a democracia por um Estado autoritário com um forte líder carismático que dispõe de poder ilimitado: "Um povo, um império, um líder!"

Quando Hitler, em 1921 assumiu a direção do Partido Nazista (NSDAP), ele formou organizações paramilitares como a SA e a SS, instrumentos de perseguição e opressão dos adversários políticos, antes de tudo os comunistas e social-democratas.

No mês de setembro de 1930 o número de deputados nazistas no Parlamento aumentou de 12 para 107. Passaram-se apenas mais dois anos, e a bancada dos camisas-marrons tinham conseguido tornar-se o partido da maioria, com 230 deputados. Poderíamos dizer que os nazistas deviam esta vitória esmagadora à Igreja cuja orientaçãõ, majoritariamente, era em favor da direita. Foi um pastor evangélico que disse em 1931: „Reconhecemos no nacional-socialismo o movimento de libertação da Alemanha. Somos obrigados a aderir a este movimento, e seja este liderado até em nome do próprio diabo!"

Nas eleições de 1933 Hitler recebeu 51% dos votos e foi indicado Chanceler. Depois do incêndio do Parlamento (Reichstag), em 27.2.1933, o Parlamento com uma maioria nazista e simpatizanie concedeu-lhe um prazo de 5 anos para governar à base de decretos de emergência (Notverordnung zum Schutz des Reiches) sem convocar o Parlamento, período suficiente para montar uma das mais severas ditaduras do mundo, com a ditadura do único partido (NSDAP), com um SNI sem precedentes, com campos de concentração (KZ) que se tornaram máquinas de assassínio.

O resultado dos 12 anos de regime nazista foi uma hecatombe de pelo menos 50 milhões de mortos em todo o mundo, inclusive 6 milhões de judeus assassinados!

O COMPORTAMENTO DE DISTINTOS SETORES DA IGREJA

Vis-à-vis de um sistema brutalmente ditatorial, a posição dos cristãos - católicos e evangélicos - era bastante ambivalente. É por isso que a gente deve cuidar de desenhar um quadro estritamente preto e branco. Criou-se uma "Lenda em torno da Resistência da Igreja contra um Estado Totalitário" que diz:

Houve na Igreja desde o início do Nazismo dois grupos bem definidos: de um lado havia aqueles que logo apoiaram a ideologia nazista, antes de tudo os membros do "Movimento Cristãos Alemães" (DC). No lado oposto havia um pequeno grupo de fiéis, firmes na crença com base no evangelho, decididamente contrários à ideologia de Hitler e totalmente contra a nomeação do capelão militar Ludwig Müller para a função de um "Reichsbischof' - bispo do reino , ou seja, um bispo primário e autoritário de uma Igreja Germânica do Império Nazista.

Conforme esta "Lenda em torno da Resistência da Igreja contra um Estado Totalitário" aquele pequeno grupo de fiéis contrários à ideologia de Hitler congregou-se desde o início ao redor do E Martin Niemdller e do professor Karl Barth, fundadores da assim chamada "Igreja Confessante" (BK).

Para percebermos o background político que a partir de 1933 levou ao movimento evangélico de resistência ao nazismo, é importante lembrar em primeiro lugar do fato de que a grande maioria dos pastores provinha de um ambiente de um nacionalismo quase sagrado. Disse Karl Kupisch: "A derrota de 1918 tornou-se o ponto de partida de um novo nacionalismo, que se refletiu também no campo da igreja" (Zwischen Idealismus und Massendemokratie,1959). Os pastores, em sua grande maioria, consideravam-se patriotas e assim se comportaram. Eles haviam se criado na monarquia prussiana, por isso não conseguiram conformar-se com a república que encerrou o Império do "Kaiser" Wilhelm II, que fugiu para a Holanda. Sobreviveu um nacionalismo tremendo. É por isso que o tom de um profundo patriotismo no discurso de Hitler tanto estimulou a simpatia do povo junto ao fenômeno do Nazismo. No início do "Terceiro Reich" até Martin Niemiller, um dos fundadores da "Igreja Confessante" (BK) deixou-se atrair pelo nacionalismo de Hitler. E não apenas ele!

Um exemplo típico para o clima político nos anos do advento de Hitler foi o assassinato do ministro de Assuntos Exteriores Rathenau, em 1922. Martin Rade, editor da revista "Christliche Welt" órgão do Liberalismo teológico — no necrológio em nome da Universidade de Marburg, mencionou duas razões que obviamente deveriam ter levado ao crime fatal: 1) Rathenau era

judeu; 2) como ministro ele correspondia de maneira positiva com o resto do mundo. Foi isso que o liquidou! O orador liberal rejeitou o antisemitismo nutrido pelos inimigos da república, constatando que este racismo bobo jamais correspondia com o caráter do povo dos poetas e filósofos, como no exterior muitas vezes se havia caracterizado os alemães.

Não pode haver dúvida, porém, de que foi um nacionalismo quase divinizado que definitivamente preparou a ascensão do nazismo no meio da Igreja evangélica.

Havia uma herança ideológica, que fortemente marcou a "alma" do povo: há muito tempo, pelo menos há um século, alguns românticos alimentaram o latente sonho de uma religião germanizante para todos os alemães. Entre tais sonhadores estava o orientalista Paul de Lagarde, nascido em 1827. Diante de uma empírica desunião ou fragmentação religiosa da população, ele imaginava uma religião especffica da própria raça - eine "arteigene" Religion - uma religião realmente adequada ao povo alemão. Nesse aspecto ele não pensava tanto na raça, como se poderia suspeitar; ele foi anti-semita como muitos intelectuais no Ocidente, desde a destruição de Jerusalém, mas foi justamente ele que observou: "A raça tem um papel apenas em relação aos cavalos, ao gado e às ovelhas!"

Sob a forte influência do autor inglês Houston Stewart Chamberlain, que vivia e publicava na Alemanha, fundou-se em 1922 a "União em prol de uma Igreja Alemã". Um dos fundadores introduziu em 1913 a expressão "Deutschchristentum" - Cristianismo Alemão. Em 1917 foi editado um livrinho sob o título: "Cristianismo Alemão conforme puros princípios evangélicos" - "Deutschchristentum auf rein evangelischer Grundlage".

Mais tarde esta "União em prol de uma Igreja Alemã" desembocou no "Movimento Cristãos Alemães"- "Glaubensbewegung Deutsche Christen" (DC). Quer dizer a ideologia acerca de um "Cristianismo Alemão" existia há muito tempo antes do advento do nazismo; existia em círculos sectários da Igreja evangélica, antes de tudo entre pessoas de pouca cultura ou educação deficiente.

No ano de 1931 encontramos na revista "Christlichen Welt" uma interessante análise do nazismo, de autoria de Hans E. Friedrich:

„As pré-condições do nacional-socialismo podem ser reduzidas a dois termos: Primeira guerra mundial e crise do capitalismo." Na época havia sob o ponto de vista sociológico os seguintes grupos de eleitores: 1) Oficiais reformados do exército; 2) uma juventude predisposta para aderir a uma ideologia de obstrução; 3) uma pequena burguesia desamparada; 4) um segmento do proletariado simpatizando com o ambiente da pequena burguesia; 5) muita gente desclassificada devido à catastrófica situação econômica do pais; 6) gente moralmente indignada e irritada; e 7) milhares de pessoas carentes da capacidade de desenvolver critérios políticos, apenas cheias de saudade dos gloriosos tempos do período anteguerra. O nazismo como tal consiste conforme Hans E. Friedrich, de quatro características essenciais, a saber: 1) agitação grosseira; 2) uma ideologia nitidamente nacionalista; 3) o anti-semitismo, e 4) a tática latente do partido.

Martin Rade constata uma idéia essencial no pensamento de Hitler: o dogma do anti-semitismo. Quando Hitler falou do marxismo, este termo era para ele apenas um siogan, sinônimo de pacifismo, judaísmo e traição da pátria. Disse Rade: "Se na história jamais foi promulgado e aceito um dogma sem qualquer critica, então era aquele do anti-semitismo."

Em seu livro "Minha Luta" Hitler revela claramente seus motivos fundamentais, quando diz que para a salvação do povo alemão e da pátria, e até para a salvação do mundo inteiro, pode figurar apenas um objetivo, um dever sagrado, que visa à exterminaç&) dos judeus e dos criminosos, que após a guerra destruíram o Reino da Alemanha (Rade).

Foi esta uma descrição do *background* ideológico-político-religioso em termos gerais, a fim de que pudéssemos entender o desenvolvimento que levou ao movimento eclesiástico de resistência ao Estado absoluto.

No início do Terceiro Reich existia uma linha divisória que dividia o povo e inclusive os membros da Igreja em duas

partes: aqueles que se tornaram excitados pela êxtase sugestiva gerada por este orador carismático que era Hitler e logo o consideraram o salvador da pátria oprimida pelos vitoriosos na guerra de 1914-1918: e, no outro lado havia aqueles que desde logo desconfiaram do ambiente messiânico criado pelos nazistas, e que por isso tornaram-se imunizados contra o nacional-socialismo.

Poder-se-ia afirmar: os principais adversários do nazismo eram antes de tudo pessoas cultas, que devido a conceitos e princípios políticos, filosóficos e também ético-teológicos rejeitaram qualquer colaboração com o regime de Hitler. Cito aqui apenas dois nomes conhecidos que representam esta espécie de adversários "natos": Karl Barth e Paul Tillich, representantes da esquerda socialista entre os teólogos da época.

No ano de 1933 também Dietrich Bonhoeffer era conhecido entre seus amigos como adversário do nazismo. Entre os luteranos foi Hanns Lilje, que na Igreja se destacou como adversário das idéias nazistas. Ele também foi preso pela *Gestapo,* o *SNI* da ditadura nazista.

A IGREJA CONFESSANTE

Hoje todo mundo sabe: Hitler tolerava a religião por motivos meramente oportunistas. Assim ele resolvia utilizar a Igreja Evangélica como um instrumento de sua política, antes de tudo de sua política cultural, de sua politica interna, que lida com os assuntos interiores, e Hitler queria utilizar a Igreja Evangélica especialmente como instrumento de sua política racizfl. O professor liberal Weinel observou com toda razão que os nazistas pretendiam fazer da Igreja apenas um departamento do Ministério de Propaganda.

Os nazistas perceberam logo que a Igreja Evangélica poderia servir como um instrumento de propaganda de suas idéias. Foi por isso que o partido tanto se empenhou na organização de um "Movimento Cristãos Alemães" (DE), liderado por P. Joachim Hossenfelder, de Berlim, que chamou[9] "Movimento Cristãos Alemães" de "SA de Cristo". Quando se cogitava intro-

duzir a expressão "nacional-socialistas evangélicos" para esta "filial do fascismo", o "Führer" Adolf Hitler não concordou, alegando: "Uma igreja alemã, um cristianismo alemão é bobagem. Ou a gente é cristão ou alemão. Ambas as coisas não é possível." Hitler apenas utilizou a Igreja por motivos táticos, e só por um periodo limitado, como imaginava. Depois da guerra ele planejava liquidar todas as igrejas, substituindo-as por um culto germânico.

Nos estatutos do "Movimento Cristãos Alemães" constava: "Apoiamos uma fé em Cristo que seja apropriada ao caráter especifico de nosso povo. Consideramos a raça, a nacionalidade e a nação preciosos presentes e manifestações da ordem do Criador. Cumpre-nos preservar o que recebemos como a lei de Deus. Por isso temos que combater a miscigenação das raças. Também solicitamos que o nosso povo seja protegido da proliferação de pessoas ineptas e inferiores. Casamentos entre alemães e judeus devem ser proibidos."

Quando Hitler assumiu o poder em 1933 tornou-se óbvia a tentativa da incorporação das 28 igrejas territoriais evangélicas (Landeskirchen) ao sistema ideológico nazista. O governo nazista planejava a construção de uma só igreja, uma Igreja alemã nazista. Esta manobra não deu certo, pois ficou apenas uma minoria de pastores e comunidades que se incorporaram à "Reichskirche" - Igreja do Reino que pretendia ser a "Igreja germânico-ariana do Império Alemão". Na ocasião do Sínodo Nacional da Igreja Evangélica Alemã, dia 27/9/1933, na cidade de Wittenberg, o capelão do exército Ludwig Müller elegeu-se Bispo do Reino (Reichsbischof. Nas eleições periódicas de presbíteros muitos nazistas se elegeram, subvertendo deste modo as estruturas das comunidades e da administração eclesiástica. A "Igreja Confessante" (BK), porém, resistiu às pressões do governo e mostrou-se firme na defesa da fé e dos tradicionais valores éticos.

Quando por meio do "Arierparagraph" (lei ariana) o governo exigiu o afastamento de pastores de origem judaica ou casados com mulheres não-arianas ou semi-arianas, o pastor Martin Niemöller (ex-comandante de um navio submarino) que nos anos anteriores tinha até apoiado o nazismo, tornou-se o inspirador e porta-voz da Igreja Confessante, porém foi preso

em 1938 até que os americanos o libertaram em 1945 (Golo Mann, Deutsche Geschichte 1919 -1945, 1961, p. 115). A Igreja Unida da Prússia (APU) aceitou a infame "lei ariana" por 132 contra 48 votos.

A posição dos liberais em redor de Martin Rade quanto ao mito nazista acerca da importância quase-religiosa da pureza da sangue foi muito clara: „Quem acredita o própria sangue como a mais importante fonte da revelação, a priori não pode ser cristão."

Por pressões internacionais, no dia 25 de janeiro de 1934 Hitler recebeu os representantes da Igreja Evangélica liderados pelo "bispo fantoche", o "Reichsbischof" Müller, e o porta-voz da oposição dentro da Igreja, o pastor Niemõller. Na ocasião Gõring leu o teor de uma conversa telefônica de Niemöller gravada pela „Gestapo" (SNI) na mesma manhã. Aí a posição de Niemöller tornou-se quase nula (Barbara Beuys, Vergesst uns nicht, 1990, p.225).

O resultado do encontro com o "Führer" foi este:

Já dois dias depois a maioria da oposição protestante assinou um documento em favor de uma Igreja Nacional: "Sob a impressão do momento histórico do encontro com o Chanceler do Reino os líderes da Igreja Evangélica Alemã afirmam com unanimidade sua fidelidade ao Terceiro Reich e seu líder. Eles condenam nitidamente todas as maquinações de critica contra o Estado, o povo e o Movimento da Ressurreição Nacional. Os lideres eclesiásticos unanimemente apóiam o Reichsbischof, decididos a efetivar as disposições e os decretos por ele providenciados."

Logo cerca de 1.500 pastores quitaram o Pfarrernotbund (Associação de Emergência para Pastores) - que foi o embrião da Igreja Confessante -, solidarizando-se assim com seus chefes que apoiaram a política da Igreja Nacional suportada pelo governo nazista, pensando que desta maneira ajudariam a manter a paz e a unidade da Igreja Protestante.

Niemólier, que não assinara a carta de compromisso, declarou numa mensagem dirigida ao bispo da Igreja de Hamburgo:

"Estamos perplexos e profundamente comovidos, pois registramos uma completa renúncia da verdade do evangelho e um abandono da Igreja." Imediatamente depois Niemi$ller sofreu uma série de represálias: policiais invadiram sua casa paroquial e levaram os papéis do "Pfarrernotbund" (Associação de Emergência para Pastores); tentou-se (em vão) seu afastamento do pastorado, etc.

O governo, porém, lançou uma comunicação afirmando que os lideres da Igreja Evangélica Alemã liderada pelo Reichsbischof Ludwig Muiler, em recepção solene no gabinete do Chanceler Adolf Hitler, expressaram seu pleno apoio ao "Führer".

Foi este o momento em que de fato surgiu a "Igreja Confessante".

A LUTA DA IGREJA CONTRA UM ESTADO ABSOLUTO

O evento mais marcante na história da Igreja Confessante foi a "Declaração de Barmen", elaborada por Karl Barth e ratificada pelos 139 representantes de 18 igrejas regionais luteranas, reformadas e "unidas" no Sínodo que se reuniu em maio de 1934 na cidade de Barmen.

A mensagem do encontro foi:

O lugar da cruz suástica não deve ser ao lado da cruz de Cristo, nem deve ser idêntica com a cruz ou até substituindo-a, mas somente debaixo da cruz de Cristo.

O Sínodo expressa-se incondicionalmente pelo mantimento da fé herdada sem qualquer acréscimo de elementos germano-nazistas. Ele confessa que a unidade das igrejas evangélicas na Alemanha pode resultar exclusiva-mente da fé na palavra de Deus.

Tudo isso foi explicado em seis parágrafos, que mais ou menos declaram:

1. Confirma-se que Cristo seja a única fonte de revelação; por isso rejeita-se a falsa doutrina que admite outros acontecimentos ou poderes como fundamento da pregação.

2. Confirma-se que a oferta e exigência de Cristo não se refere apenas à vida religiosa nos cultos da igreja, mas à vida inteira do cristão; por isso rejeita-se a falsa doutrina que admite que fora disso haja ainda outros setores aos quais o cristão deva obedecer e servir.

3. Confirma-se que a Igreja é a congregação de irmãos na qual Cristo pelo verbo e pelos sacramentos é presente; por isso rejeita-se a falsa doutrina que admite que seja permitida à Igreja cada vez assimilar a sua mensagem e a sua ordem às respectivas ideologias predominantes em determinadas épocas.

4. Confirma-se que os dirigentes da Igreja - presbíteros, pastores e bispos - não são donos, mas servos da comunidade; por isso rejeita-se a falsa doutrina que defende na Igreja um sistema de liderança autoritária semelhante ao sistema de liderança no Estado absoluto.

5. Confirma-se e reconhece-se que devido à ordem estabelecida por Deus, seja a incumbência do Estado zelar pela ordem, justiça e paz entre o povo; rejeita-se, porém, a falsa doutrina que admite que o Estado deveria tornar-se a única e totalitária instância ideológica para cada um de seus cidadãos.

6. Confirma-se que a Igreja, em plena liberdade, por ordem e em nome do Senhor, deve divulgar a palavra de Deus e administrar os sacramentos; por isso rejeita-se a falsa doutrina que exige a subordinação da Igreja aos interesses do Estado.

Nos anos seguintes de 1935 a 1937 - a repressão à Igreja Confessante por parte do Estado aumentou.

Formou-se também a resistência. Os pastores fiéis à Igreja Confessante exigiram: Nossa posição junto ao "Reichsbischof' deve ser:

„Devemos obedecer a Deus e nõo aos homens" (Act. 5, 29) e "Dêem ao Imperador o que é do Imperador, e a Deus o que é de Deus" (Mt. 22, 21).

No dia da instalação solene do bispo Müller, em Berlim, a cidade mostrou-se vermelha devido a tantas bandeiras com o símbolo da suástica. Acontece, porém, que nenhum dos bispos e líderes da Igreja dos tempos antes de Hitler estava presente no culto de ordenação do novo bispo. Dominaram as bandeiras nazistas e os destacamentos da SA em camisas de cor marrom.

No resto do país, porém, as igrejas estavam superlotadas nesse horário. As comunidades oraram por um cristianismo verdadeiro, então ameaçado por falsas doutrinas (Stewart W. Herman, Eure Seelen wolien wir, Kirche im Untergrund, München, 1951).

O PAPEL TEOLÓGICO DE DIETRICH BONHOEFFER

a) Uma exposição sumária da vida de Bonhoeffer

* 4.2.1906 (Breslau) + 8.2.1945 (Flossenbürg)

Era filho de uma família de classe média alta: o pai: professor e psiquiatra, a mãe: professora (8 filhos).

1923, Universidades de Tübingen e Berlin, onde estuda Teologia;

1924, uma estada em Roma (Páscoa: bênção papal *aurbi et orbi")*

Contatos ecumênicos, relação com Karl Barth (visão crítica do comportamento da Igreja!).

1927, com 21 anos, Doutorado *("Sanctorum Communio)*

1928, Pastor assistente na Comunidade Alemã de Barcelona.

1930, docente na Universidade de Berlim (com 24 anos).

I. ano Union Theological Seminary N. Y. / excursão para Cuba.

No convívio com negros e latinos torna-se anti-racista e pacifista.

1.2.1933, palestra radiofônica criticando o movimento nazista (desligada!)

Bonhoeffer, não encontrando mais o ambiente desejado na Igreja de Berlim, assume o pastorado na Comunidade alemã em Hill, Inglaterra (17.10.1933).

1935, Bonhoeffer volta da Inglaterra para a Alemanha e assume a direção do Seminário (ilegal) de pregadores da Igreja Confessante em Finkenwalde.

1936, O Seminário faz uma viagem de estudos à Suécia.

1937, a *Gestapo* (SNI) fecha o Seminário ilegal; Bonhoeffer visita Nova York.

9.11.1938: „Kristallnacht" quando os nazistas incendiaram centenas de sinagogas no país e deportaram 35 mil judeus para campos de concentração.

Devo aqui incluir uma importante observação:

Cresci durante os anos da ditadura nazista, percebendo as poucas coisas que uma criança ou um adolescente enxerga dos feitos políticos que acontecem ao redor dela. Mais tarde, quando estudei a história eclesiástica contemporânea, tomei conhecimento do fato de que Igrejas regionais inteiras ("Landeskirchen") covardemente se subjugaram à ideologia nazista. A prova mais penosa neste contexto é o fato de que os consistórios destas Igrejas sequer moveram um dedo para defender seus próprios membros, irmãos não-arianos, fiéis protestantes, mas agora chamados de "judeus", contra as agressões e crimes do governo nazista. As diretorias das Igrejas regionais até ajudaram ativamente na "arianização" ou "de-judificação" da sociedade alemã, por exemplo pela deposição de pastores de descendência israelita, como ocorreu na Igreja de Westfália com o pastor da cidade de Bochum, Dr. Hans Ehrenfeld, cuja filha está casada com meu colega e amigo Dr. John, Principal do *United Theeological Coilege* in Bangalore, Índia. Os dois me visitaram um dia no campus da Obra Ecumênica de Estudos em Bochum e me contaram muitos detalhes das ocorrências.

Hans Ehrenfeld nasceu em 1883 em Hamburg, filho de pais judeus. Ele fez o Doutorado na área das Ciências Políticas e Econômicas, como também de Filosofia e Psicologia e tornou-se professor de Filosofia na Universidade de Heidelberg, dedicando-se preferencialmente a Hegel e Kant. Durante a 1 Guerra Mundial, fez seu serviço militar no exército alemão. Com 26 anos, ainda antes da guerra, foi batizado. Após a guerra estudou Teologia, foi ordenado pastor em 1925, e instalado na comunidade de Bochum. Em 1933 começou a perseguição sistemática dos judeus. As leis de Nürnberg proibiam qualquer atividade de judeus em cargos públicos, inclusive na Igreja. Em 1937 a Igreja de Westfália aposentou o pastor Ehrenfeld. No dia 9 de novembro de 1938, na assim chamada "Kristallnacht", noite de *pogrom* organizado em todo território nacional, os nazistas destruíram também a sinagoga de Bochum, queimando-a. Na ausência de Dr. Ehrenfeld, destruíram o apartamento dele, jogando os móveis fora pela janela. Quando ele voltou, foi preso e deportado ao campo de concentração em Oranienburg. Devido às boas relações internacionais de Ehrenfeld, foi posto em liberdade e autorizado a emigrar para Inglaterra. Em 1947 ele voltou para a Alemanha, onde a Igreja de Westfália o incumbiu com atividades no campo das relações públicas. Faleceu em 1958 em Heidelberg. Uma história vergonhosa!

Voltando ao currículo de Bonhoeffer, cabe-nos mencionar:

1939, ele aceitou um convite para dar preleções em N.Y. a fim de evitar o serviço militar na Alemanha, mas quando tudo indica o começo de uma guerra contra a Polônia, Bonhoeffer volta à Alemanha, para estar perto dos acontecimentos. Ele continua organizando "Sammelvikariate", cursos teológicos intensivos para o treinamento de pastores, atividade proibida em 1940.

1940, Bonhoeffer trabalha para a "Contra-Inteligência do Exército", que de fato conspirou contra Hitler (Almirante Canaris).

5.4.1943, foi o dia de sua prisão, motivada por suas tendências pacifistas (Berlin-Tegel).

20.7.1944,atentado contra Hitler; prisão dos autores e inspiradores; certos documentos envolvem Bonhoeffer na

conspiração, inclusive na alta traição, crimes normalmente castigados com a pena capital.

8. 10. 1944, transferência para a prisão do SNI em Berlim. O Tribunal Popular de Freisler começa a liquidar cerca de 5 mil pessoas culpadas ou suspeitas. Bonhoeffer é transferido ao campo de concentração de Buchenwald

8.4.1945, chegada no Campo de Concentração Flossenbürg; Bonhoeffer é enforcado, com 39 anos de idade.

Dia 30.4.1945, Hitler suicidou-se e logo depois, dia 8.5.1945, ocorre a capitulação.

O papel teológico de Dietrich Bonhoeffer

Em primeiro lugar: em meu entendimento a teologia de Bonhoeffer dá uma impressão bastante contraditória, pelo menos pode-se constatar duas fases radicalmente distintas uma da outra:

O primeiro período está marcado por uma teologia muito conservadora, mas há exceções. Como milhares de outros teólogos protestantes, ele pôde dizer que a "ética é uma coisa do sangue e da história". Partindo de uma posição nacional-conservadora, ele não hesitou em distinguir entre uma "ética alemã, uma ética francesa e uma ética americana." Negou a existência de uma ética geral para todos os homens do mundo. Reconhece apenas uma ética utilitarista, dizendo: "Estou pronto para proteger meu irmão, minha mãe, meu povo, apesar de que estou completamente ciente de que isso seja possível apenas com derramamento de sangue. Mas o amor à pátria santificará o assassinato e a guerra." - Passo a passo, porém, o jovem teólogo Bonhoeffer, que em 1928, durante seu vicariado em Barcelona, fala assim, transforma-se em um cristão que, no púlpito como na cátedra, aprende a fazer uso da teologia, sem que esta disciplina seja a norma *normans* para sua existência perante Deus e os homens. Ser relacionado a Cristo torna-se mais importante para Bonhoeffer do que ser alemão.

Num segundo período Bonhoeffer se destaca por uma Teologia de caráter libertador e existencialista. A partir de então ele

defende uma ética ecumênica de paz. Pouco a pouco o cristão Bonhoeffer evoluiu para um personagem contemporâneo, assumindo a responsabilidade do cristão emancipado para com a sociedade exterior e para com o mundo que o cercava (cf. Karl Martin, Ich miichte glauben lernen, Wandlungsprozesse in der Biographie Dietrich Bonhoeffers, Dtsch. Pfarrerblatt 5/2005). E na prisão, nos 18 meses de solidão, ele começa a descobrir o cristão maduro ("mündig"), que alcançou sua maioridade como pessoa e sua autonomia como ser humano que - libertado pelo evangelho - responde apenas ao Senhor.

Bonhoeffer descobriu que o mundo estava cheio de tais pessoas de maioridade, e muitas vezes pessoas que careciam daquela religiosidade que os padres e pastores durante quase dois mil anos defendiam como essencial para a salvação (eterna). Vis-à-vis desta realidade, Bonhoeffer deduziu que seria adequado e necessário alcançar esta gente que carecia da religiosidade "clássica" com uma proclamação não-religiosa da palavra de Deus ("nichtreligióse Verkündigung"). Sua leitura da Bíblia tornou-se diferente daquela praticada anteriormente. Agora as palavras bíblicas revelam a realidade em que ele se encontra, e não narra mais coisas e assuntos de tempos passados. "Águas passadas não movem moinhos", se diz. Trata-se justamente da leitura descoberta novamente pela "Teologia de Ubertação". Boff antecipado!

Nossa abordagem do homem moderno e emancipado deve ter um caráter não-religioso, porque Deus quer encontrar o homem de maioridade não apenas em seus sonhos ou desejos relacionados com suas eventuais idéias religiosas dirigidas aos aspectos que possa ter no além desta vida, mas Ele quer encontrar o homem bem no meio de sua vida de dia a dia, neste mundo, nesta realidade, nesta vida.

Bonhoeffer recusa aquele tipo de sermão que primeiro tenta comprovar o abandono do ouvinte para depois consolar o pobre pecador perdido com a salvação por Cristo.

Muito ao contrário, Bonhoeffer tem que experimentar, ele mesmo, que ele fica no presídio sem ajuda, sem salvação - *etsi Deus non daretur* - como se Deus não existisse, passando pela mesma experiência de Jesus na paixão, na cruz, na hora

amarga da morte: *"Eli, Eli, lama asabtani?"* Na pessoa de Jesus ele reconhece Deus sem poder, sofrendo e ainda cheio de misericórdia junto aos outros. Assim Bonhoeffer percebe: Deus não ajuda com aquela *omnipotentia* (petrificada na dogmática), mas por meio de seu sofrimento.

Deus encontra-se mais próximo do homem secularizado do que do *homo religiosus,* que com sua religiosidade procura disfarçar sua falta de fé ou de confiança em Deus.

Jesus é o "homem para os outros", e não um objeto para uma vida religiosa no coração do crente ("religiöses Innenleben"), nem um objeto para ser celebrado nos ritos da Igreja. Conseqüentemente também a própria Igreja só pode ser "Igreja para os outros".

Nos 10 anos decorridos entre a tomada do poder por Hitler e a detenção de Bonhoeffer, este, passo a passo, chegou a uma ética bem diferente da ética clássica protestante:

Não é licito que a igreja se aparte, segregue ou se isole dos acontecimentos políticos. No momento em que o Estado combate ou tenta liquidar valores fundamentais da ética, dos direitos gerais do homem, a Igreja tem que resistir, também como Igreja. Em situações extremas, a resistência cabe ao individuo, ao cristão individual, ao membro do corpo de Cristo.

Para a grande maioria dos pastores, esta maneira de intrometer-se em assuntos públicos, em questões políticas, era uma coisa muito estranha e até ilícita, proibida (Lembro-me das acusações contra Niemöller, depois da guerra! E também da posição do Sínodo Riograndense, durante o movimento da "Legalidade" nos tempos de Brizola, em 1961, quando visitei o presidente Gottschald exigindo que a Igreja lançasse uma palavra de apoio).

A raiz histórica dessa forma de separar os dois "remos", tão característica do protestantismo alemão antes e depois de 1933 - aqui a Igreja, lá o Estado , encontra-se no passado do luteranismo alemão. Acontece que a ética luterana concede ao Estado uma relativa "Eigengesetzlichkeit", quer dizer, o Estado tem que seguir as suas próprias leis *sui generis,* por exemplo

quanto ao 511 mandamento: *"Não matarásf'* (Lembro-me que, quando guri, possuía um catecismo no qual se encontrava a nota de rodapé: "Não vale na guerra" ("Gilt im Kriege nicht!").

Da mesma maneira, teólogos luteranos, que de um lado rejeitaram o afastamento de seus colegas pastores de origem israelita do ministério eclesiástico, do outro lado, justificaram as medidas do Estado nazista contra os judeus como defesa legítima da "pureza da raça germânico-ariana". Diz o professor Künneth: "Deve-se conceder ao Estado nacional o direito de considerar a questão do judeu como problema da nova estruturação da sociedade. A Igreja deve devidamente apoiar tal conscientização com referência ao caráter da peculiaridade étnica alemã em conformidade com a doutrina sobre a ordem de Deus, criador da raça e da etnia" (Walter Künneth, "Das Judenproblem und die Kirche", 1933).

Deve-se considerar que, na hora do afastamento de pastores por "defeito de raça", havia na "Associação de Pastores" (Pfarrernotbund) 6 mil pastores contra a "lei ariana". Bonhoeffer, todavia, achou razão para criticar a atitude da "Igreja Confessante": Esta se preocupava mais com coisas internas e teológicas do que com questões existenciais e politicas urgentíssimas: a "lei ariana", o racismo que explodiu na "Kristallnacht", em 1938, a introdução da pérfida lei que obrigava cada cidadão judeu a visivelmente portar na roupa a estrela de Davi, sinal da classificação de inimigo do povo alemão". Naquela ocasião Bonhoeffer disse com plena razão: "Só aquele que grita em defesa dos judeus tem o direito de entoar cânticos gregorianos!"

CONCLUSÃO

Quando, em 1953, no lugar onde funcionou o horrível campo de concentração de Flossenbürg, inaugurou-se uma placa em memória de Bonhoeffer, que foi enforcado lá no dia 9 de abril de 1945, com 39 anos, o bispo da Igreja Evangélica Luterana de Bavária, Hans Meiser, não participou, alegando que Bonhoeffer não teria sido um mártir cristão, mas apenas um mártir político.

Venho de Nürnberg, cidade situada ao norte da Baviera, duas horas distante de Flossenbürg. Visitei o ex-campo de

concentração, com vergonha e tristeza. Ocorre, porém, que não me incomodou a questão sofisticada, se Dietrich Bonhoeffer era um mártir cristão ou apenas um mártir político. O que, de fato, profundamente me perturbou, foram as questões:

- Como é possível que um ser humano possa cometer tamanhos erros e crimes como aqueles perpetuados no "Terceiro Reich"?

- Existe a possibilidade de que tais crimes se repitam - em qualquer lugar do mundo?

- Como foi possível que o povo da Reforma (e da Contra-Reforma) se deixou atrair por uma ideologia monstruosa como a nazista?

- Como se explica que os cristãos na Alemanha tenham colaborado com este regime ou pelo menos tenham permanecido calados?

- Pode-se desculpar a atitude dos cristãos com a exigência ou necessidade de "cumprir ordens"?

REFERÊNCIAS

BAUMGÃRTEL, Friedrich. *Wider die Kirchenkampf-Legenden.* Deutsches Pfarrerblatt, Nr. 5/58, Jahrg. 1, März 1958.

BEUYS, Barbara. *Verge& uns nicht, Mensehen im Widerstand 1933-1945.* Hamburg, 1990.

BUCHHEIM, Hans. *Glaubenskrise im Dritten Reich.* Drei Kapitel Nationalsozialistischer Rellgionspolitik, Stuttgart, 1953.

DIE CHRISTLICHE Welt. *Protestantische Halbmonatsschrift für Gebildete alier Stiinde.* Leopold Klotz Verlag Gotha (diverse Nummern aus den Jahrg, 1932/33).

HAFFNER, Sebastian. *Von Bismarck zu Hitler, Em Rückblick.* München, 1987.

HERMAN, Stewart W. *Eure Seelen wolien wir.* Kirche im Untergrund. München-Berlin, 1951.

HEUSS, Theodor. *Friedrich Naumann.* Der Mann, das Werk, die Zeit. Stuttgart-Berlin, 1937.

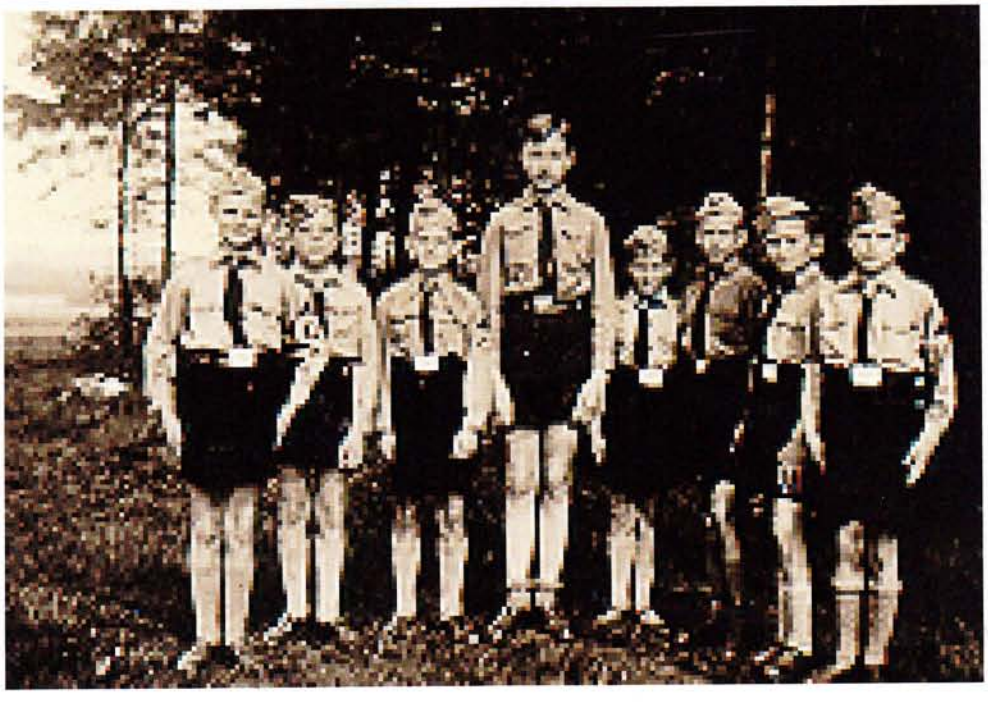
HOFER, Walther. *Der Nationalsozialismus.* Dokumente 1933-1945. Fischer Bücherei, 1960.

KÜNNETH, Walter. *Das Judenproblem und die Kirche.* 2. Aufi. Sept. 1933.

KUPISCH, Karl. *Zwischen Idealismus und Massendemokratie.* Eine Geschichte der evangelischen Kirche in Deutschland von 1815-1945. Berlin, 2. Aufi., 1959.

MANN Golo. *Deutsche Geschichte, 1919-1945.* Frankfurt, 1961. NOTHMANN, Walter. *Der Irrweg der evangelischen Kirche.* Berlin, 1930.

RATHJE, Johannes. *Die Welt des Freien Protestantismus.* Em Beitrag zur deutsch-evangelischen Geistesgeschichte, dargestellt an Leben und Werk von Martin Rade. Stuttgart, 1952.

SCHREY, Heinz-Horst. Dreissig Jahre Kirche und Staat in Deutschland, Die

Mitarbeit, Evangelische Monatshefte zur Gesellschaftspolitik, 12. Jahrg. Juli/August 1963.